



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE LETRAS E ARTES – FALA
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS – DLV
CURSO LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

AMANDA KAROLLINE DA COSTA LIMA

**A MANIFESTAÇÃO DO DUPLO NO CONTO “O ESPELHO: ESBOÇO DE UMA
NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA”, DE MACHADO DE ASSIS**

MOSSORÓ

2021

AMANDA KAROLLINE DA COSTA LIMA

A MANIFESTAÇÃO DO DUPLO NO CONTO “O ESPELHO: ESBOÇO DE UMA
NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA”, DE MACHADO DE ASSIS

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva

MOSSORÓ

2021

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

L732t Lima, Amanda Karolline da Costa

A manifestação do duplo no conto "O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana", de Machado de Assis. / Amanda Karolline da Costa Lima. - Mossoró, 2021.

31p.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Machado de Assis. 2. O espelho. 3. O duplo. 4. Alma. 5. Análise psicológica. I. Silva, Marcos Vinicius Medeiros da. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

AMANDA KAROLLINE DA COSTA LIMA

A MANIFESTAÇÃO DO DUPLO NO CONTO “O ESPELHO: ESBOÇO DE UMA
NOVA TEORIA DA ALMA HUMANA”, DE MACHADO DE ASSIS

Monografia apresentada ao Departamento de Letras Vernáculas - DLV, da Faculdade de Letras e Artes - FALA, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado em Letras - Língua Portuguesa.

Aprovada em 11/ 06/ 2021.

Banca Examinadora

Marcos Vinicius Medeiros da Silva

Prof. Dr. Marcos Vinicius Medeiros da Silva - UERN
Orientador

Antonia Marly Moura da Silva

Profa. Dra. Antonia Marly Moura da Silva - UERN
Examinadora

Roniê Rodrigues da Silva

Prof. Dr. Roniê Rodrigues da Silva - UERN
Examinador

Dedico ao meu pai todo o meu esforço
durante a produção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me dado forças para produzir em um momento delicado de minha vida, mas de muita luta.

Agradeço ao meu pai, que, ao longo dessa caminhada, todos os dias me deixou na porta da Universidade, sempre incentivando-me a estudar e acreditando nos seus oito filhos, repetindo, constantemente, que "A caneta é mais leve do que a pá". Um grande homem que, ao longo de seis meses, vem lutando contra um câncer, e, mesmo durante essa batalha, sempre me pergunta se já me graduei.

Agradeço, também, à professora Ana Remígio, por todo o apoio e dedicação ao longo dos meses de orientação, e ao professor Marcos Vinicius, por aceitar orientar meu trabalho e exercer a função de orientador com dedicação, entendimento e compreensão.

“[...] Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o
possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se
puder ser,
Ou até se não puder ser...”

(Álvaro Campos)

RESUMO

A obra de Machado de Assis, ainda hoje, é permeada por possibilidades de leitura e análise, exigindo do leitor apreender novas perspectivas de compreensão dos clássicos enredos do bruxo do Cosme Velho. Este trabalho, então, tem como objetivo discutir a presença do duplo em uma das narrativas machadianas. Para isso, utilizamos como método de pesquisa a abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, tendo como *corpus* o conto "O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana". Diante disso, utilizamos dois teóricos-base nesta pesquisa: Otto Rank (2014) e Clément Rosset (1988), prioritariamente, para melhor entendimento do fenômeno do duplo. No que diz respeito à teoria literária, utilizamos Bosi (2014, 2017), Massaud Moisés (1998), entre outros. O protagonista do conto "O Espelho", Jacobina, apresenta, inicialmente, uma problemática peculiar, ao afirmar que o ser humano possui duas almas: a alma interior e a alma exterior, gerando, assim, um conflito de identidade. Por meio do exemplo narrado pelo personagem, foi possível identificar a teoria do duplo presente na narrativa, seja pelas ações retratadas por Jacobina, seja pelos pensamentos esboçados pelo personagem.

Palavras-chave: Machado de Assis. O Espelho. O Duplo. Alma. Análise psicológica.

ABSTRACT

The work of Machado de Assis, even today, is permeated by possibilities of reading and analysis, requiring the reader to apprehend new perspectives for understanding the classic plots of the wizard of Cosme Velho. This work, then, aims to show the presence of the double in one of machadianas' narratives, for that, we used as a research method the qualitative approach of bibliographic nature having as the research corpus the short story "O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana". That said, two fundamental theorists are used in this research, Otto Rank (2014) and Clément Rosset (1988), as a priority, for a better understanding of the phenomenon of the double. Regarding literary theory, we used Bosi (2014, 2017), Massaud Moisés (1998), among others. The protagonist of the short story "O Espelho", Jacobina, initially presents a peculiar problem when he affirms that the human being has two souls: the inner soul and the outer soul, thus generating a conflict of identity. Through the example narrated by the character, it was possible to identify the theory of the double present in the narrative, either by the actions portrayed by Jacobina, or by the thoughts outlined by the character.

Keywords: Machado de Assis. Mirror. The Double. Soul. Psychological analysis.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 SOBRE O REALISMO	13
2.1 O Realismo brasileiro.....	15
2.2 Machado de Assis e a narrativa psicológica.....	16
3 A TEORIA DO DUPLO.....	18
4 O DUPLO E O ESPELHO MACHADIANO	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

É inegável a importância de Machado de Assis para a literatura nacional e mundial. De acordo com Bosi (2017), Machado é considerado um dos maiores romancistas de sua época. A escrita de Assis representou um marco, pois rompeu com a escola romântica a partir da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), que abordava temáticas, até então, pouco exploradas na literatura nacional, como a abordagem psicológica dos personagens, vindas da recém-chegada escola realista ao Brasil.

Ao longo de nossa graduação em Letras, conhecemos diversas obras de Machado de Assis, mas foi nas disciplinas de Teoria da Literatura II e de Literatura Brasileira II que o nosso interesse em aprofundar os conhecimentos sobre a obra machadiana surgiu.

Considerando esse interesse, resolvemos aprofundar a leitura em torno da obra do autor, tomando como corpus desse trabalho de monografia um dos contos de Machado de Assis "O Espelho, esboço de uma nova teoria da alma humana" (ASSIS, 1994), no qual procuramos identificar a presença da teoria do duplo. Esse fenômeno é um dos desdobramentos das perspectivas sobre o sujeito, analisado, principalmente, pela Psicanálise. Segundo os estudos de Otto Rank, o duplo se caracteriza por uma "cisão tornada independente e visível do Eu" (RANK, 2014, p. 25). O protagonista de "O Espelho" evidencia, em determinada passagem do conto, sua "cisão" do eu, podendo ser caracterizada como o fenômeno do duplo. Tal fato nos instigou a investigar a teoria do duplo presente nessa narrativa.

Há fortunas críticas que abordam a representação do duplo na ficção machadiana, tais como: Bosi (2014), Pereira (2010) e Nascentes (2000). No entanto, a relevância deste projeto de pesquisa consiste no aprofundamento dos estudos sobre o fenômeno do duplo presente na abordagem psicológica que o autor aplica em seus personagens, especificamente no protagonista do conto já mencionado.

A estética realista machadiana é marcada por diversas críticas à sociedade da época, com narrativas que, de variadas formas, provocam significativas reflexões sobre a relação entre o literário e o social. No conto que será analisado, percebemos como o personagem é descaracterizado, tomando como base a desconstrução da

imagem do alferes Jacobina. Essa descaracterização, por sua vez, pode ser analisada pelo viés do fenômeno psicanalítico chamado de "Duplo", que significa a transposição do Eu em uma dualidade que divide o ser entre polos distintos, como felicidade/tristeza.

Seguindo esse pensamento, este trabalho tem como objetivo geral identificar de que modo a teoria do duplo se insere na narrativa "O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana", de Machado de Assis, relacionando o fenômeno do duplo com as características da escola literária do Realismo, de acordo com as perspectivas teóricas oriundas da Psicanálise, e observando o modo como Machado de Assis elabora, nesta narrativa, uma crítica aos comportamentos humanos.

Para isso, utilizamos como método de pesquisa a abordagem qualitativa de cunho bibliográfico, pois, como afirma Gil (2002, p. 133), esse modelo de investigação consiste em "[...] uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação". Além disso, nosso trabalho adquire caráter investigativo, ou, como denomina Severino (2016, p. 129), análise de conteúdo, porque envolve "compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações".

A escolha por esse *corpus* se deu pela presença, nas narrativas machadianas, de uma abordagem psicológica dos seus personagens, traço marcante da escola Realista. Logo, o conto "O Espelho" mostra bem essa característica, por representar uma análise psicológica do protagonista Jacobina, que permite analisar o conto por uma visão do fenômeno conhecido como duplo.

Na cena em que se vê solitário diante do espelho, Jacobina se mostra um homem medroso, mas que por fora exprime vaidade e orgulho. Essa imagem que é refletida resulta numa figura vaga, difusa, insatisfatória. Por meio desses traços identificados no protagonista, a teoria do duplo se consolida na análise pelo fato de identificarmos a realidade dúbia do personagem principal (orgulho exterior e tristeza interior).

Assim, Jacobina é atentado pelo duplo, que, segundo Rosset (1988), corresponde a uma certa tolerância com o seu ser, até o ponto que não conseguir mais reprimi-lo devido à dualidade existencial. Desse modo, apropriamos-nos dos pressupostos teóricos de Lacan (2005), que trata do fenômeno do Duplo, bem como

as ideias oriundas de Otto Rank (2014), o qual conceitua o duplo como baseado em tradições populares com crenças psicológicas e que se manifesta através do meio que é inserido.

Visando alcançar o escopo desta investigação, organizamo-la da seguinte forma: no primeiro capítulo, discorremos acerca da escola do Realismo que, por sua vez, foi abordado em dois âmbitos: das origens ao Realismo Lusitano, seguido da sua inserção à nível nacional, representado, principalmente, por Machado de Assis. Em sequência, no capítulo dois, abordamos a narrativa psicológica empregada pelo narrador machadiano. No capítulo três, apresentamos considerações a respeito da teoria do duplo, tendo como base conceitos elaborados, principalmente, por Otto Rank (2014) e Clément Rosset (1988). Por conseguinte, procedemos com a análise do conto, de modo a recortar partes da narrativa que demonstram como o Duplo se manifesta na constituição do personagem principal. Por fim, tecemos algumas considerações finais.

2 SOBRE O REALISMO

As primeiras manifestações caracterizadas pelo que viria a ser a escola do Realismo descendem, segundo Carpeaux (2011), dos movimentos filosóficos motivados pelo Iluminismo e pela Revolução Francesa. Por meio dessas importantes agitações culturais e ideológicas que cresceram em meio à sociedade da época, as narrativas produzidas durante esse período visavam apresentar, de modo objetivo, o "o ambiente social [...] e a vitória do sentimento sobre o espírito [...] tão profundo como psicológico" (CARPEAUX, 2011, p. 753). Devido a isso,

a vivacidade extrema da narração, a comicidade das situações, o realismo penetrante na interpretação dos destinos humanos, a agudeza da caracterização, tudo isso quase que não deixa perceber o domínio espantoso da língua coloquial (CARPEAUX, 2011, p. 883).

De modo a romper com a tradição romântica pautada na idealização, tanto na forma subjetiva, quanto na escrita (marcadamente pelo uso do exagero), essas novas narrativas eram pautadas na visão concedida ao cotidiano, aos conflitos ditos "normais" que atentam o dia a dia do ser humano, através de uma linguagem mais flexível, porém profundamente analítica no que diz respeito às atitudes morais do indivíduo.

A escola literária realista se afirma posteriormente, pois, apresentando importantes características, como as críticas feitas sobre os comportamentos sociais, o Determinismo, linha ideológica em ascensão durante o período do Realismo, contribuiu para o acentuado grau dessas críticas às atitudes da sociedade. Assim, de acordo com Bosi (2017, p. 183), a filosofia determinista foi crucial para estruturar as perspectivas do narrador e do personagem no enredo, indicando que

a tendência de tudo centrar na fatura indicava o retrair-se da concepção do realismo à esfera da formatividade mimética: o que era outra forma de dizer a importância a que estavam relegados como homem diante do todo social. E nada melhor para explicar ou justificar essa importância do que o férreo determinismo, filosofia oficial desses anos em todos o Ocidente.

Dito isso, a escola realista revolucionou a literatura, trazendo fatos que antes eram ocultados, renegados pela tradição romântica, como as questões psicológicas e

de teor moral. Segundo Bosi (2017), o escritor antirromântico enche-se das características das pessoas e objetos sem trações individuais, objetivos, dando mais voz científica aos textos.

A apropriação dessa base científica feita pelos escritores realistas em suas narrativas, além de se contrapor ao convencionalismo romântico que predominava na época, fazia memorar a tendência crescente da análise do ser humano em seus aspectos menos salientes, como o comportamental e o psíquico. Logo, a estética realista adquiriu uma conotação marcante em virtude de enxergar, na filosofia e na ciência, respostas para questões de caráter pessoal e social antes não abordadas, como podemos observar no que afirma Moisés (1998, p. 166):

[...] os realistas reagiram violenta e hostilmente contra tudo quanto se identificava com o Romantismo. Anti-românticos confessos, pregavam e procuravam realizar a filosofia da objetividade: o que interessa é o objeto, o *não-eu*. Para alcançar concentrar-se no objeto, tinham de destruir a sentimentalidade e a imaginação romântica e trilhar a única via de acesso à realidade objetiva: a Razão, ou a inteligência. Eram, portanto, racionalistas, o que tornava o racionalismo a segunda grande característica do movimento.

Dessa forma, a estética realista tratava de fatos morais e psicológicos que escancaravam a verdadeira face da sociedade da época, impregnada de hipocrisia, luxúria, ostentação e inveja. Os escritores desse período literário, pois, sempre buscavam na razão a explicação das coisas, como indica Moisés (1998, p. 166), afirmando que esses autores “[...] aderiram à ciência, forma de conhecimento objetivo da realidade efetuado com o apoio das faculdades racionais”.

Os escritores de língua portuguesa não ficaram de fora dessa invasão crítico-psicológica proporcionada pela escola realista. Em Portugal, nomes como Fialho de Almeida e Eça de Queirós, principalmente este último, no âmbito da prosa, se destacaram por procurar “[...] ver esteticamente os problemas sociais, como alguém que se pusesse num camarote a analisar com binóculos as chagas sociais, ou, quando delas se aproximasse, fizesse-o com luvas de pelica” (MOISÉS, 1998, p. 192). Por meio da análise detalhada do personagem e do meio que o cerca, o narrador visava identificar, por via da racionalidade, os constantes acometimentos que remetem ao personagem e, assim, instigar os motivos que os levavam a reagir de determinada maneira.

Desse modo, a escola do Realismo se sobressai às demais, como observam Abdala Júnior e Paschoalin (1985, p. 101), trabalhando sobre o Realismo em Portugal pelo motivo da “[...] intervenção do escritor no sentido de diagnosticar os problemas sociais do país”. No Brasil, esses problemas sociais derivados da análise profunda do ser humano recebem atenção especial através da escrita sutil de Machado de Assis, como se verá no capítulo seguinte.

2.1 O Realismo brasileiro

O Realismo brasileiro tem como marco inicial a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, publicada no ano de 1881. Nessa narrativa, de acordo com Bosi (2017), identificamos a presença marcante - tal qual no Realismo lusitano - de crítica acentuada aos costumes da sociedade da época, como a ganância, a avareza e a inveja, tudo isso tendo como cenário principal a capital carioca do Rio Janeiro.

Desembaraçando cada viela do então centro econômico do segundo Império, o narrador machadiano segue, através da sagaz análise das atitudes humanas, o que foi paulatinamente ocultado pelos românticos: o real do ser humano. Real que demonstra as fraquezas e as tentações da carne. Logo,

Essa preferência dada a esse tipo de ambiente tem como principal fator a não identificação do escritor realista com aquela vida e aquela natureza transformadas pelo Positivismo em complexos de normas e fatos indiferentes à alma humana (BOSI, 2014, p. 202).

Diante da “formatividade mimética” exaltada no Realismo europeu, essa influência se faz estabelecer, agora, à nível nacional, devido ao fato de os escritores realistas brasileiros, em especial Machado de Assis, manipularem a língua em suas narrativas, de modo a denotar aspectos negativos que permeiam a sociedade, como a hipocrisia, a vaidade e a luxúria. Por meio desses recursos linguísticos, Machado de Assis, principal nome do Realismo brasileiro, manipula o enredo ficcional de modo que o narrador e o personagem representem, verdadeiramente, alguns aspectos negativos que a sociedade insistia em esconder.

Segundo Pereira (2019), Machado de Assis possuía simetria nas frases, uma vocação inata em seu estilo, carregando uma originalidade impecável, imergindo o leitor ao encantamento. Tais características definem, na ficção de Machado de Assis, um estilo próprio e fazem sua identidade literária ser reconhecida nacionalmente, pois, ao ler um texto machadiano, podemos identificar os traços crítico-sociais de sua narrativa, abordados filosoficamente, identificando questões que, ainda que representem a sociedade da época, atravessam a nossa formação nacional, fazendo parte mesmo da estrutura social do país.

2.2 Machado de Assis e a narrativa psicológica

As ideologias de grande destaque que emergiram em meados do século XIX, como o darwinismo e o positivismo, permitiram a Machado de Assis prestigiar algumas questões do social e trabalhá-las em suas narrativas. Isso ocorreu nos mesmos moldes do Realismo europeu em seu princípio, porém, incrementando ainda mais as polêmicas que permeavam o seio social somadas à irreverente linguagem manipulada por Machado. Conforme aponta Sousa e Viana (2011), uma das características de todos os personagens machadianos é a busca da ascensão social, o desejo do reconhecimento perante a sociedade. Segundo elas, a dita “alma exterior”, símbolo das mazelas que corrompem a sociedade, vence a alma interior, representando o ser natural do indivíduo, pois o desejo pelo status corrompe o indivíduo ao ponto de este só se considerar “alguém” diante do desejo de ascensão alcançado.

Ainda segundo as pesquisadoras, a alma exterior encontrada no narrador machadiano se sobressai à alma interior, relacionando-se ao social, ao ego e à aparência, trabalhando diretamente a questão da subjetividade. Assim, a subjetividade se constrói, de acordo com Sousa e Viana (2011, p. 1087), no âmbito social que cerca o indivíduo, nas suas relações de vários níveis, “[...] desde as mais precoces às que nos acompanham vida afora. Desde as mais íntimas às mais superficiais”.

Diante disso, o interesse é visto como um conceito que é, ao mesmo tempo, natural e social (SOUSA; VIANA, 2011). A alma é formada de relação entre o externo e o interno, e a relação com objetos externos que se tornam inerente ao indivíduo e da sua subjetividade. A partir dessa relação dual encontrada no ser ficcional

machadiano, é possível inferir como a análise psicológica do personagem é latente na forma expressiva que o personagem discorre seus pensamentos.

Segundo Soares (1968), enquanto o meio romântico utiliza a linguagem para exprimir as características (ora pragmáticas, ora idealizadas) dos seus personagens, o narrador machadiano, assim como outros escritores realistas da época (mencionados no capítulo anterior), manuseia a linguagem de modo que ela adquira aspectos instrumentalizados, assumindo um importante papel na construção do texto, da narrativa e do próprio personagem. Diante disso, um dos exemplos citados pela autora faz referência a um tipo de

[...] personagem medíocre que naturalmente não reconhece a própria mediocridade, desde que se apresentem certas condições favoráveis, não raras vezes pretende galgar uma posição, alcançar um prestígio que são incompatíveis com o pouco de inteligência, sensibilidade e capacidade inventiva de que foi dotado (SOARES, 1968, p. 24).

Relacionado com o objeto de análise desta pesquisa, Jacobina, o personagem principal, apresenta essa “hipocrisia” em não reconhecer a própria mediocridade implantada pela sua nova ideologia sobre a teoria da alma, como podemos notar no seguinte trecho (ASSIS, 1994, p. 6): “[...] Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho [...]; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regime pude atravessar mais seis dias de solidão sem o sentir...”.

Podemos enxergar que Jacobina se encaixa nas características citadas por Soares (1968), pois o personagem principal se vê triste e desiludido com a solidão, provando que a única coisa que almejava era o prazer de um título que apenas lhe dava uma ilusão de nobreza. Sem este, voltava a ser uma pessoa comum. Logo,

dentre os vícios, desvios, falhas do caráter que Machado de Assis criticou nos humanos através de sua obra, um dos mais acerbamente invectivados foi o esforço de viver segundo as aparências, a não coincidência da pessoa consigo mesma, a inadequação do sujeito à realidade de sua situação. É assim que sua obra nos oferece míseros versejadores que pretendem glórias de poeta, agregados que buscam passar por membros da família, novos ricos que lutam por um título de nobreza, gente da média burguesia que a todo preço quer ascender à classe mais alta. Esses personagens da ficção vivem em erro permanente quanto a si próprio e quanto ao mundo que os cerca, por incapacidade de introspecção ou de interrogação dos fatos, donde o ridículo em que perpetuamente incorrem. (SOARES, 1968, p. 3)

Ou seja, é partir dessa conotação implícita sobre as mazelas sociais que as perspectivas da análise psicológica do personagem machadiano se orientam. A ironia e o humor, tão bem utilizados pelo narrador carioca, acentuam o grave conflito de interesses que a sociedade da época estava imersa, e, a partir disso, Machado se apropriava dessas situações para ironizá-las no âmago do personagem.

3 A TEORIA DO DUPLO

A literatura tem sido, ao longo dos anos, um meio pelo qual o mito sempre teve um lugar privilegiado. Ela sempre esteve pronta para lidar com o elemento mítico, imprimindo-lhe a forma necessária para a realização artística e para a manutenção de questões ligadas aos impasses humanos.

Nos períodos mais remotos da antiguidade, encontrávamos poetas receptíveis à força encantadora do mito, que recorriam a este para explicar fatos ou crenças. É importante salientar que cada época da longa história também contempla a história literária. Os mitos revelam-se renovados, incorporando à arte literária sempre novos procedimentos estéticos, o que revela uma tentativa dos seres humanos de melhor entendê-los à luz dos seus valores.

Dessa maneira, o mito se reveste de um arcabouço figurativo, metafórico, pronto para inspirar e, conseqüentemente, conduzir a criação literária e, para que se renove e renasça de outra forma, é imprescindível que ele incorpore nova simbologia constantemente, desnudando nova realidade, que será acrescida de novas significações:

Na relação mito e literatura, procura-se elucidar de que modo a obra de arte se constitui num paradigma de alta freqüência simbólica. No imaginário mítico toda obra de arte esconde uma zona de sombra que permite ver no artista/poeta um intermediário, intérprete e mensageiro de um mundo estranho para ele e paradoxalmente estranho à humanidade, isto é possível devido à dificuldade de penetrar no âmago de numerosos atos criativos que parecem sugerir a existência de um reservatório de formas neutras, capazes, quando solicitadas, de tomar corpo definido e sair da nebulosa. [...] a fecundidade intrínseca do mito, quando explorada dentro de uma cultura tradicional, acaba por sobrecarregar o imaginário coletivo e, ao mesmo tempo, por esgotar e neutralizar sua força criadora pela repetição. [...] a própria natureza do mito sugere que as imagens verdadeiramente míticas devem introduzir o escritor num clima criativo, no qual ele deve sentir-se contemporâneo das origens míticas (TURCHI, 2003. p. 198-199).

Embora tenha sofrido modificações ao longo dos anos, os mitos primitivos ainda refletem um estado primordial, eles continuam vivos e, muitas vezes, podem servir para justificar todo comportamento do homem. O mito é uma realidade cultural extremamente complexa que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares, o narrar. Portanto, essa realidade é vista como tal, graças às façanhas de humanos.

Um dos mitos de grande significado para humanidade é o mito do duplo. Trata-se de uma representação simbólica cara ao ideário literário ao longo dos tempos.

Um dos pioneiros nos estudos sobre o duplo, chegando até a teorizar sobre o assunto, foi o psicanalista austríaco Otto Rank, na obra *O duplo*, publicada em 1914. Ele utilizou os conhecimentos psicanalíticos para justificar alguns posicionamentos de como a duplicidade ocorre na literatura.

Em seu livro específico sobre a temática do Duplo, Rank (2014), ao relacionar as vivências cotidianas com a prática psicanalítica, tenciona que a significação concedida à determinada temática passa primordialmente pela cultura do sujeito, com a qual é interpelado na análise clínica. Diante dessa conjuntura, o psicanalista austríaco inicia traçando uma trajetória do fenômeno do duplo presente em diversas narrativas literárias¹, as quais representam, segundo ele, o que há de mais genuíno na transcrição do cotidiano social, percebendo que há uma problemática "[...] interessante e significativo do ser humano com seu Eu" (RANK, 2014, p. 17).

Investigando a fundo essa problemática, Rank (2014) define a teoria do duplo como um fenômeno "[...] que simboliza um sujeito que se vê cindido em dois, movido por forças antagônicas que lutam internamente e podem levá-lo à autodestruição" (RANK, 2014, p. 143). O constante conflito de interesses inerente a uma sociedade que compete arduamente por prestígio repercute no eco do ser, fazendo com que exista uma dualidade no Eu do sujeito, no qual se intensifica - como exemplificado pelo próprio Rank por meio das narrativas selecionadas por ele - em momentos de muita pressão.

Diante desse panorama estabelecido por Otto Rank em sua teoria sobre do Duplo, outro importante pensador, agora filósofo, dialoga conjuntamente às assertivas

¹ Ver em Rank (2014).

de Rank: Clément Rosset. Segundo Rosset (1988), o cidadão moral se confunde constantemente com o cidadão pessoal, este último necessitando de algo plausível para provar o seu valor diante da sociedade. Logo, “é fácil reconhecer os limites desta plausibilidade na ocasião de múltiplas experiências: toda vez que, após um incidente ou uma crise qualquer, não estamos em condições de provar nossa identidade”. (ROSSET, 1988, p. 79). Ou seja, em momentos em que a pressão psicológica é intensa, o duplo se desvela e realça as verdadeiras faces do ser humano, resultando numa dualidade maniqueísta (lado bom, lado mal; lado certo, lado errado etc.).

Um outro renomado psicanalista a se enveredar pela teoria do Duplo, foi o francês Jacques Lacan. Em um dos seus seminários, intitulado *Angústia*, o psicanalista francês, ao estudar a questão do desejo (herdada da teoria de Sigmund Freud sobre o sonho) na clínica analítica, principalmente naqueles pacientes atentados pela histeria, utiliza esse fenômeno para explicar os motivos da natureza da fantasia. Diante disso, Lacan atesta que "para empregar termos que adquirem significação [...] ele nos faz aparecer como objeto, por revelar a não-autonomia do sujeito" (LACAN, 2005, p. 58). Ou seja, o sujeito, conforme afirma Lacan, tende a apreender significações quando é deslocado do seu próprio ser, característica essa marcante do fenômeno do duplo.

Assim sendo, percebemos a presença dessa teoria no conto machadiano tratado neste trabalho, “O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana”, de Machado de Assis, quando, ao se ver no espelho sem o uniforme, o protagonista não se enxerga como alferes, mas sim como um sujeito infeliz e solitário, sendo possível classificar esse momento como o tradicional ‘choque de realidade’, demonstrando a dualidade inerente ao duplo. Diante disso, entendemos que a teoria do duplo surge como uma perspectiva oportuna, a fim de explicar esse sentimento ambíguo presente no personagem principal. A seguir, iniciaremos a análise do conto em questão, analisando-o sob a perspectiva do duplo proposta por este trabalho.

4 O DUPLO E O ESPELHO MACHADIANO

O conto “O Espelho” foi publicado na obra *Papéis Avulsos* (1882), sendo este o terceiro livro de contos escritos por Machado de Assis. Dentre as narrativas presentes nessa coletânea, estão algumas daquelas que tiveram significativo destaque ao longo da carreira do escritor, como o “O Alienista” e “Teoria do Medalhão”. Esse livro é cheio de perspectivas filosóficas e psicológicas em seu enredo, remetendo-o, assim, à tradição configurada pelo Realismo literário.

Dito isso, segundo Pereira (2019), a afirmação do Bruxo do Cosme Velho como contista se deu a partir da publicação de *Papéis Avulsos*, justamente ao tratar nesses contos sobre questões envolvendo o existencialismo. Especificamente em *O Espelho*, de acordo com Bosi (2014, p. 242-243), esse conto adquire uma conotação que representa “[...] o poder e a eficácia de um processo ao qual uma outra sociologia, já não positivista, mas dialética, dá o nome de reificação”. Ou seja, a dualidade exposta pelo personagem principal, como veremos a seguir, tem como objeto a sua própria resignificação enquanto ser humano mediante perspectivas controversas as quais lhe são dadas.

Para melhor estruturar a linha analítica da narrativa trabalhada nesta pesquisa, dividimos o conto *O Espelho* em três momentos. Na primeira parte do conto, o personagem principal, Jacobina, adquire o título de alferes, sendo valorizado pela família. No segundo momento, Jacobina recebe um convite para visitar a sua tia, que o presenteia pelo título recebido com o objeto mais valioso da casa, um espelho. Já no terceiro momento, o protagonista se vê só dentro da casa em que está hospedado. A solidão desperta nele uma sensação de autocrítica, que é estimulada pela constante visualização de sua imagem através do espelho.

O conto inicia-se em uma casa no bairro de Santa Teresa, quando Jacobina, o protagonista, reúne-se com quatro amigos. Era noite e os senhores discutiam várias questões sobre a vida, enquanto Jacobina assistia passivamente o fervoroso debate, pouco intervindo até então. Mas, no meio da noite, Jacobina pede a palavra para discorrer sobre um fato que o acometeu pessoalmente, a fim de ilustrar e defender a tese de que o ser humano possui duas almas. Nisso, ele supunha que cada ser humano trazia duas almas consigo: “uma que olha de dentro para fora, outra que olha

de fora para dentro” (ASSIS, 1994, p. 2). Ao afirmar essa assertiva, o protagonista não admite questionamentos, deixando, assim, os ouvintes intrigados e ansiosos para ouvir seus argumentos

Desse modo, continuou e contou o seu “causo”: até aos vinte e cinco anos era um rapaz pobre, quando virou alferes da Guarda Nacional. Sua família ficou orgulhosa pela sua conquista e ascensão de vida. Sua tia, Marcolina, ao receber a notícia de que o sobrinho tinha se tornado alferes, convidou-o para visitar seu sítio. A tia vivia de forma humilde e possuía um espelho que era o item mais valioso da casa. Tal objeto tinha um passado nobre, veio para o Brasil com a corte de D. João VI, ficando exposto na sala de entrada da casa. Com a chegada do sobrinho, o espelho foi removido do seu local de origem e devidamente colocado no aposento do novo alferes, como modo de acolhimento e gratificação ao sobrinho pelo recém título conquistado.

Diante da pujança de atenções despertadas pela sua nova posição social no tempo em que ficou hospedado na casa da tia, Jacobina era constantemente paparicado, entre familiares e escravos. Isso cessou quando uma das filhas de Marcolina adoeceu, tendo ela que viajar para prestar auxílio à progênita. Por um curto período, porém muito conturbado, o sobrinho ficou sozinho na casa. Na manhã seguinte à partida de Marcolina, os cativos em posse dela fogem e levam consigo até os cães da fazenda, deixando o alferes sozinho no sítio. Esse momento de turbulência, juntamente com a solidão causada pelos fatos acontecidos, proporcionou ao protagonista várias reflexões, a principal delas diante do famoso objeto da casa.

Jacobina vê-se diante do espelho que tanto despertou sua vaidade e, depois de tudo que vivenciou, não consegue ao menos se olhar nele. A imagem que o objeto devolve, segundo o protagonista, era "uma figura vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra" (ASSIS, 1994, p. 5). Sendo "sombra da sombra", o protagonista demonstra o conflito existencial que acontece em seu íntimo. Jacobina não consegue reconhecer o próprio ser. Nesse momento, teve a ideia de vestir a farda de alferes, e diante do espelho que momentos atrás o fez sentir-se uma figura anômala, finalmente se sente íntegro outra vez com a imagem que lhe é devolvida.

Vestindo e despindo a farda de alferes, foi assim que Jacobina conseguiu sobreviver aos dias seguintes de solidão. O protagonista atribui essa sensação ao fato

de ter encontrado a sua alma exterior, que havia perdido. Deixando, dessa forma, os seus interlocutores surpreendidos com a situação relatada por ele.

Acreditamos que, nesse terceiro momento, é possível estabelecer um diálogo com a teoria do duplo, pois, segundo a definição exposta por Rank (2014, p. 10), esse fenômeno se caracteriza por ser "[...] um tema baseado em antigas tradições populares de um teor eminentemente psicológico que é alterado através de solicitações de um novo meio de representação". Ou seja, o retrato duplo entre o "EU" interior e a sua real imagem, no caso da narrativa analisada, leva o personagem Jacobina a uma reflexão profunda: o Espelho mostra seu "EU" como alferes, um título nobre, honroso, mas que, ao retirá-lo, há a perda do seu valor, o que o transforma em um "alguém comum".

Desse modo, ao mesmo tempo, estabelecendo uma interface entre as perspectivas sobre o Duplo, encontramos em Rosset (1988) uma definição desse fenômeno, quando afirma que

Nada mais frágil do que a faculdade humana de admitir a realidade, de aceitar sem reservas a imperiosa prerrogativa do real. Esta faculdade falha ela não implica o reconhecimento de um direito imprescritível – o do real a ser percebido -, mas representa antes uma *espécie de tolerância*, condicional e provisória (ROSSET, 1988, p. 11).

Isto é, na não aceitação do seu real, Jacobina se submete a vários questionamentos, condicionando sua situação ao frágil quando desassocia o seu eu ao "eu" alferes. Assim, Jacobina precisou ver a si mesmo, literalmente, através do Espelho, para enxergar que o sentimento sentido por ele e o que é refletido não são verdadeiros.

O início do conto é demarcado por uma pauta filosófica proposta pelo protagonista, no qual ele tenta demonstrar a tese das "duas almas" do ser humano, definindo-a assim:

A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; - e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de botas, uma cavatina, um tambor etc. (ASSIS, 1994, p. 2).

O narrador mostra a alma exterior como algo material, saindo do corpo meramente físico, atribuindo-lhe, dessa maneira, um valor que transcende o social, indo ao íntimo pessoal. Dessa forma, ele deixa sua alma interior adormecida, hibernada, sendo ela reanimada pela alma exterior. Logo, conforme afirma Rosset (1988), admite-se o real como uma extensão advinda de outra realidade, a do eu interior, cujo sentido é orientado pelo alcance do mundo que o cerca e sua definitiva reordenação por parte do sujeito. Desse modo,

é a particularidade da imagem “metafísica” fazer pressentir, sob as aparências insensatas, ou falsamente sensatas, a significação e a realidade de que asseguram a sua infra-estrutura e explicam precisamente a aparência deste mundo-aqui, que é apenas “a manifestação ao mesmo tempo primordial e fútil de um espantoso mistério” (ROSSET, 1988, p. 41).

Segundo Rosset, a materialidade do mundo só se faz intervir por meio do pensamento metafísico. É o metafísico que orienta nossa estrutura de apreensão do real. De modo a dialogar com essa tese com a narrativa analisada, na proposta de Jacobina em elaborar uma nova teoria da alma humana, o protagonista fixa suas atenções justamente neste viés: a interface entre real e metafísico.

Diante disso, já explanando sobre o acontecimento a ponto de delinear sua teoria, Jacobina especifica detalhes da evasão do seu ser proporcionada pelo intenso contato com a solidão:

- O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. (ASSIS, 1994, p. 4)

Quando o alferes sobrepunha ao Jacobina, quando a alma ludibriada pelo título emerge sobre a alma comum do protagonista, segundo Rank (2014, p. 32), analisando a presença do duplo em narrativas europeias, “[...] o herói não sabe onde deve procurar seu Eu e observa: ‘- Eu tenho medo de mim mesmo -’. A “maldita duplicidade” leva a ofensas recíprocas e ao duelo”. Logo, a presença do duplo se faz comprovada quando há esse embate entre essências interiores ao sujeito protagonista.

Nessa perspectiva, ao trabalhar questões envolvendo o conflito entre o eu interior e exterior, característico do Duplo, Rank (2014) diz que o sujeito tende a amar e a detestar o próprio eu interior, escondendo o seu real por receio, permitindo-o ser exposto apenas quando lhe convém. Diante disso, “o antigo encanto com sua beleza, gradualmente, dá lugar a uma aversão ao próprio Eu” (RANK, 2014, p. 35), como podemos investigar nesta outra passagem da narrativa:

Confesso-lhes que desde logo senti uma grande opressão, alguma coisa semelhante ao efeito de quatro paredes de um cárcere, subitamente levantadas em torno de mim. Era a alma exterior que se reduzia; estava agora limitada a alguns espíritos boçais. *O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil.* (ASSIS, 1994, p. 4, grifo nosso)

O fato de o alferes emergir continuamente ao ser de Jacobina, semelhante ao que afirma Rank (2014), resulta em um duelo interior que somente uma das almas é capaz de vencer. E essa alma vencedora é a do alferes, justamente pelo fato desta entrar em harmonia com os desejos e intenções futuras do protagonista.

Esse constante conflito interior entre o "Eu alferes" e o "Eu Jacobina" culmina na própria reação do corpo do protagonista, pressionado internamente por esse dualismo incessante: “Mas a manhã passou sem vestígio dele; à tarde comecei a sentir a sensação como de pessoa que houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciência da ação muscular” (ASSIS, 1994, p. 4). Como observa Lacan (2005, p. 241), trabalhando questões envolvendo o sentimento de angústia e sua relação com o duplo,

as relações filosóficas de natureza fideísta [...] certamente não são imotivadas, na medida em que, tal como é articulado ou exilado da experiência na exploração inaugurada pela fenomenologia contemporânea, o corpo torna-se algo irreduzível aos mecanismos materiais (LACAN, 2005, p. 241).

Sendo assim, o reflexo no corpo físico se torna inerente ao comportamento psíquico de Jacobina, que começa a externalizar as consequências do duplo ao nível do corpo, apresentando dualidades que o espírito do protagonista não consegue defender a si, gerando todo o conflito de identidade.

Na parte final da narrativa, ao olhar para si diante do espelho, Jacobina então percebe os devaneios e as incertezas do conflito existente entre seus dois "Eu's". Ao estar diante da solidão da casa da tia, o protagonista firma consigo mesmo a teoria que, posteriormente, denotaria aos ouvintes (ASSIS, 1994): a contradição existente na alma humana e sua conseqüente duplicidade ao nível interno do indivíduo. A seguinte passagem resume essas conseqüências derivadas do novo pensar na alma humana:

O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra. A realidade das leis físicas não permite negar que o espelho reproduziu-me textualmente, com os mesmos contornos e feições; assim devia ter sido. Mas tal não foi a minha sensação. Então tive medo; atribuí o fenômeno à excitação nervosa em que andava; receei ficar mais tempo, e enlouquecer. (ASSIS, 1994, p. 5)

O espelho - que intitula o conto -, então, emerge como o objeto capaz de materializar o conflito existente no íntimo do personagem, possibilitando ao ser ficcional visualizar as duas imagens contrastantes dentro dele: o alferes, e a pessoa. Era nítida a angústia de Jacobina ao perceber que o título de alferes fazia parte dele, de uma forma psicológica e perturbadora, apagando a imagem do verdadeiro "Eu". Diante disso, a dissonância entre as almas do protagonista tomou eco em seu exterior, a ponto de refletir ao nível físico o incessante duelo entre o Alferes e o Jacobina.

Em conseqüência, colocando um ponto final nesse contraste interior, ao vestir a farda de alferes, as almas, por fim, se equilibram e o protagonista consegue ver a si mesmo como uma figura una, não mais difusa, captando o que no seu exterior de modo igualitário ao seu eu interior:

Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defronte do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho (ASSIS, 1994 p. 6)

Nessa passagem, o espelho representa a transfiguração da verdade que o protagonista almeja desde o início: o alferes Jacobina. Sendo finalmente resolvido o conflito de identidade que tanto assolou o personagem Jacobina ao longo da narrativa,

em consonância com Rosset (1988), trabalhando justamente questões envolvendo a crise de personalidade acometida pelo duplo, percebe-se as singularidades da "pessoa moral" quando no momento de Jacobina encontrar-se como alferes, diante do espelho. Dessa forma, o protagonista sinaliza com a nova teoria da alma humana pelo fato de ora as duas almas se fazerem perceber de modo distinto, ora como unidade em torno do ser exterior, aquele influenciado pelas premissas sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra “O Espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana”, de Machado de Assis, apresenta várias características peculiares da escola Realista, a exemplo da análise psicológica (trabalhada no segundo capítulo deste trabalho), que possibilitou a análise apurada de teóricos renomados como Alfredo Bosi e Massaud Moisés. Além disso, outro viés analítico pôde ser observado, como a perspectiva do fenômeno conhecido como Duplo, investigado por dois dos principais teóricos sobre essa vertente psicanalítica, Otto Rank - um dos percursores do duplo -, Clement Rosset e, em menor escala, por Jacques Lacan.

As perspectivas teóricas sobre o Duplo, oriundas da Psicanálise, na leitura do conto serviram de base para compreender o modo de figuração da problemática da dualidade humana, correlacionando-as às críticas sociais que a narrativa machadiana esboçava sobre a sociedade da época. Dito isso, o objetivo geral da presente monografia, que se baseia em analisar a presença do duplo no conto *O Espelho*, foi alcançado partindo da premissa das duas almas que o ser humano carrega consigo. Na narrativa analisada, ao ser questionado, o protagonista Jacobina usa da sua experiência como prova da presença da duplicidade da alma. Esse fato nos levou a considerar a presença do duplo na narrativa.

Diante dessa premissa, relacionando o duplo à bipartição do Eu, este exposto e investigado pela visão psicanalítica, e, ao mesmo tempo, dialogando com os aspectos da escola literária realista, na qual fazia uma forte crítica à sociedade, principalmente à burguesa, brasileira, observamos o modo como narrador machadiano utilizava a linguagem para denunciar a falsa moralidade e apontar os bons costumes como algo de pura vaidade.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Obra completa**. v. 2. Rio de Janeiro: Aguilar, 1994.
- ABDALA JÚNIOR, Benjamim; PASCHOALIN, Maria Aparecida. **História social da literatura portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.
- BOSI, Alfredo. O duplo espelho em um conto de Machado de Assis. **Revista Estudos Avançados**. v. 28, São Paulo jan./ abr. 2014.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 51 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental**. São Paulo: Leya, 2011. *E-book*.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 33. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.
- NASCENTES, Zama Caixeta. Psicanálise e Literatura: uma leitura de “O Espelho”, de Machado de Assis. **Revista de Letras**, Curitiba, v. 3, 2000, p. 17-32.
- PEREIRA, Juliana C. C. Reflexos e espelhamentos – O mito de Narciso e o duplo em o espelho – Esboço de uma nova teoria da alma humana de Machado de Assis. **Principia** (Rio de Janeiro), v. 20, p. 65-72, 2010.
- PEREIRA, Lucia Miguel. **Machado de Assis: estudo crítico e biográfico**. 6. ed. Brasília, DF: Senado Federal, 2019.
- RANK, Otto. **O Duplo: um estudo psicanalítico**. Tradução Erica Sofia, Luisa Foerthmann Schultz et al. São Paulo: Dublinense, 2014.
- ROSSET, Clément. **O real e seu duplo**. Tradução José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1988.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- SOUSA, Livia Mesquita de; VIANA, Terezinha Camargo. A alma exterior em Machado de Assis: um olhar psicanalítico. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza-CE, v. XI, n. 3, set. 2011, p. 1083-1111.

SOARES, Maria Nazaré Lins. **Machado de Assis e a análise da expressão.** Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968.

TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e antropologia do imaginário.** Brasília: UNB, 2003.